



A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS NO CÂMPUS SÃO LUIS DE MONTES BELOS: perspectivas e limites considerando um grupo de estudos

Helen Ribeiro de Jesus¹ (IC)*, Patrícia Ferreira² (IC), Andréa Kochhann³ (PQ) e Juliana Bottechia⁴ (PQ)

¹ Universidade Estadual de Goiás Câmpus Luziânia. helenribeiro98@gmail.com

² Universidade Estadual de Goiás Câmpus Jussara

³ Universidade Estadual de Goias Câmpus São Luis de Montes Belos

⁴ Universidade Estadual de Goias Câmpus Formosa

Resumo: O texto prima por apresentar os resultados de um projeto de pesquisa guarda-chuva, considerando um de seus subprojetos. A pesquisa teve como objeto de estudo a formação docente. A delimitação do objeto foi a formação docente pela extensão universitária. A delimitação para a empiria foi em um grupo de estudos registrado como extensão universitária na Universidade Estadual de Goiás – o GEFOPI (Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade). O GEFOPI é registrado como um projeto integrado de extensão mas com características de programa, que abrange vários Câmpus e várias atividades alicerçadas na concepção acadêmica, de forma processual e orgânica, primando pela indissociabilidade pesquisa, ensino, extensão e produção acadêmico-científica, considerando os acadêmicos envolvidos como protagonistas da ação. O problema da pesquisa guarda-chuva foi “Quais as perspectivas e os limites na formação de professores considerando as ações do GEFOPI?”. O problema do subprojeto que ora apresenta seus resultados foi “Quais as perspectivas e os limites na formação de professores considerando as ações do GEFOPI na voz dos veteranos de São Luis de Montes Belos?”. A metodologia do subprojeto foi de estudo bibliográfico, documental e análise de entrevistas semiestruturadas. Afirmamos que as atividades do GEFOPI têm favorecido a formação inicial dos participes protagonistas das atividades, apesar dos limites constituintes do processo.

Palavras-chave: Extensão. Processual. Orgânica. Formação. GEFOPI. Egressos.

Introdução

O objeto de investigação desse trabalho é a formação de professores. A delimitação da pesquisa se dará na formação de professores em um Grupo de Estudos do Câmpus São Luis de Montes Belos, da Universidade Estadual de Goiás (UEG), primando os participantes veteranos do grupo. Salienta-se que esta pesquisa faz parte de uma pesquisa guarda-chuva intitulada “FORMAÇÃO DE PROFESSORES: perspectivas e limites considerando um grupo de estudos” que se desmembra em cinco subprojetos. O problema do projeto maior se estabeleceu em “Quais as perspectivas e os limites na formação de professores considerando as ações do GEFOPI?”.

REALIZAÇÃO



Para cada subprojeto elaborou-se um problema. O primeiro subprojeto tem como problema “Quais as perspectivas e os limites na formação de professores considerando as ações do GEFOPI na voz dos atores veteranos da UEG Câmpus São Luís de Montes Belos?”. O segundo subprojeto tem como problema “Quais as perspectivas e os limites na formação de professores considerando as ações do GEFOPI na voz dos atores atuais da UEG Câmpus São Luis de Montes Belos?”. O terceiro subprojeto tem como problema “Quais as perspectivas e os limites na formação de professores considerando as ações do GEFOPI na voz dos atores veteranos da UEG Câmpus Jussara”. O quarto subprojeto tem como problema “Quais as perspectivas e os limites na formação de professores considerando as ações do GEFOPI na voz dos atores veteranos da UEG Câmpus Luziânia?”. O quinto subprojeto tem como problema “Quais as perspectivas e os limites na formação de professores considerando as ações do GEFOPI na voz dos atores veteranos da UEG Câmpus Formosa?”. Esta pesquisa se constituiu do processo de investigação do primeiro subprojeto.

Material e Métodos

A pesquisa é qualitativa, bibliográfica, documental e com estudo de caso. Se aproxima do método materialismo histórico dialético. O referencial bibliográfico será em Cunha (1980), Fávero (1977) Síveres (2013), Reis (1989) e outros. Os documentos da UEG como o Projeto de Desenvolvimento Institucional - PDI e Projeto Pedagógico Institucional - PPI subsidiarão a contextualização da investigação. Para a coleta de dados do estudo de caso, aplicar-se-á entrevistas semiestruturada aos partícipes veteranos do grupo e a coordenadora do mesmo. A delimitação foi no grupo GEFOPI, no período de 2017 e 2018, no Câmpus Luziânia.

Resultados e Discussão

A primeira característica de um ensino superior no Brasil, se dá por meio dos colégios Jesuítas, no período colonial, por volta do século XVI, em que eram oferecidos cursos como teologia, artes, filosofia entre outras, tais cursos eram oferecidos exclusivamente as classes dominantes. Essa instituição educacional foi

REALIZAÇÃO



uma das mais importantes do período colonial, essa ainda era uma instituição de ordem católica, religião que influenciava e dominava nesse período, por tanto, os cursos oferecidos por esses, eram voltados para o sacerdócio, com isso, quem não pretendia ser padre, só teria oportunidade de cursar o ensino superior, nas universidades europeias.

As tentativas de implantar a universidade no Brasil no período Colonial e Monárquico continuava sem êxito, e isso continuou durante mais de um século. As tentativas ainda persistiam na República, é relevante destacar que pela constituição de 1891 era de responsabilidade do Poder Central o ensino superior, porém, não exclusivamente. O ensino superior veio sofrendo muitas alterações durante o ano de 1889 até a Revolução 1930 por meio de vários dispositivos legais. Em 1915, por meio da Reforma de Carlos Maximiliano apoiado no Decreto nº 11. 530, art. 6º, onde diz: “O Governo Federal, quando achar oportuno, reunirá em universidades as Escolas Politécnicas e de Medicina do Rio de Janeiro, incorporando a elas uma das Faculdades Livres de Direito, dispensando-a da taxa de fiscalização e dando-lhe gratuitamente edifício para funcionar.” Dessa forma, em 7 de setembro de 1920, o presidente Epitácio Pessoa, põe em execução o decreto de 1915 instituindo a Universidade do Rio de Janeiro (URJ); assegurando-as a autonomia didática e administrativa. Nessa junção das três escolas tradicionais, primando ainda a característica de cada uma, sem muita relação entre essas, ainda assim, se resulta disso a primeira Universidade oficial.

Na universidade a práxis pode vir a ser pela extensão e pesquisa. A universidade brasileira enquanto espaço por excelência da pesquisa. Para Demo (2006) a pesquisa somente tem sentido se revertido em ensino e em extensão. Caso contrário, é inócuia. Em meio à pesquisa, ensino, e extensão, a extensão foi a última a ser introduzida no espaço acadêmico; como explica Paula (2013, p. 5) “Das três dimensões constitutivas da universidade, a extensão foi a última a surgir[...]”. O surgimento da extensão se dá por vários motivos, entre eles, a necessidade de estreitar o laço da comunidade com a academia mostrando seu compromisso com a transformação social; a aproximação do fazer universitário com as necessidades das comunidades, principalmente as mais carentes.



Segundo documentos do Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas, as primeiras práticas de extensão universitárias no Brasil foram registradas no ano de 1931. Já em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, torna obrigatório que todas as universidades brasileiras ofertem ações que envolvam “as modalidades de transmissão do conhecimento e assistência.” (DE MEDEIROS, 2017, apud, FORPROEX).

Assim, em meio a alguns encontros nacionais, o FORPROEX (2012) estabelece o conceito de extensão: “A extensão Universitária sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da Universidade.” Assim vemos a importância que a elaboração desse conceito trouxe para a academia, pois possibilitou uma aprendizagem mais abrangente, alcançando e contribuindo para todos envolvidos, em que esses se fazem necessários para a formação dos estudantes, e os estudantes necessários para a sociedade.

Segundo Reis (1988) e Rocha (1987) a extensão Universitária do Brasil, se caracteriza por duas linhas de ação, sendo elas: Eventista-Inorgânica e Processual-Orgânica. A primeira é conceitualizada como uma prestação de serviços, realizações de eventos, sem nenhum aspecto de aprendizagem; a sociedade fica com o papel de apenas receber e consumir o saber, dessa forma a universidade fica sendo como o “lócus” do saber, e a sociedade o “lócus” da ignorância, uma das ações de distribuição da eventista-inorgânica é por meio de conhecimento, cultura e prestação de serviços. Já a segunda linha de ação, se caracteriza com ações formativas, por meio do processo do ensino que possibilita a transformação social, assim ocorre uma gama de produção de conhecimento. A sociedade e a Universidade, produzem juntas o saber, de maneira que contribuem para a transformação da sociedade e também da universidade.

A Universidade Estadual de Goiás surgiu em 1999, sendo uma junção de várias faculdades, como as 28 autarquias da UNIANA (Universidade de Anápolis), a intenção dessa criação era trazer um ensino de qualidade e gratuito para a população do interior de Goiás, dessa forma, por meio do decreto n. 13.456, de 16 de abril de 1999 essa é criada. Assim, uns dos cursos bases dessa nova instituição

REALIZAÇÃO



foi o de Pedagogia, com isso percebemos de acordo com Kochhann (2018) a força que o ensino tem nessa, e a carência em relação a pesquisa e a extensão. Sendo assim, O GEFOPI- Grupo de Estudos em Formação de professores e Interdisciplinaridade-, com 12 anos de atuação na Universidade Estadual de Goiás, visa proporcionar aos participantes essa vivência científica, considerando sempre o tripé da Universidade, que são a pesquisa, ensino e extensão. Trabalhando com uma extensão acadêmica, processual-orgânica, em que todos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem possam construir seus próprios conhecimentos de maneira crítica e autônoma para a transformação da sociedade.

A entrevista foi estruturada com 12 questionamentos e no Quadro n. 01 apresentamos que os partícipes definissem o GEFOPI em uma palavra.

Quadro n. 01 – Palavra que define o GEFOPI

Categoría	Contextualização	Ano	Palavra
Gestor – E	Gestora e docente da UEG câmpus São Luís de Montes Belos na época de criação do GEFOPI	2006	Ousado
Docente – W	Pedagoga pela UEG e integrante do GEFOPI desde sua criação	2006	Sucesso
Acadêmico 1 – N	Pedagoga pela UEG, pós-graduada em Docência Universitária pela FABEC, integrante do GEFOPI desde 2014	2014	Sucesso
Acadêmico 2 – J	Pedagogo pela UEG, pós-graduado em Matemática, acadêmico de Direito, integrante do GEFOPI desde 2007	2007	Práxis
Acadêmico 3 – E	Pedagoga pela UEG e uma das que ajudou a criar o GEPI e se transformar em GEFOPI em 2006	2006	Interdisciplinaridade
Acadêmico 4 – N	Pedagoga pela UEG, Psicopedagoga pela FABEC, pós-graduada pela UEG em Educação, Arte e Cultura, integrante do GEFOPI desde 2012	2012	Importante
Acadêmico 5 – MC	Pedagoga pela UEG, e foi uma das primeiras integrantes do grupo antes de ser oficialmente GEPI e depois GEFOPI.	2006	Riqueza
Acadêmico 6 – C	Pedagoga pela UEG e foi uma das primeiras integrantes do GEPI/GEFOPI e a primeira bolsista voluntária de iniciação científica do GEFOPI	2006	Transformação
Acadêmico 7 – A	Pedagogo pela UEG e foi um dos que ajudou a criar o GEPI e se transformar em GEFOPI em 2006	2006	Aprendizado

Fonte: As pesquisadoras

As palavras apresentadas pelos veteranos possibilitam afirmar que o GEFOPI é importante porque é ousado em suas atividades de interdisciplinaridade e práxis, o

REALIZAÇÃO



que traz uma riqueza para a aprendizagem e pode favorecer o sucesso e a transformação na formação docente, mesmo com as dificuldades para sua efetivação. Nessa mesma entrevista propomos que os entrevistados relatassem os pontos negativos em relação ao grupo, como podemos observar no Quadro n. 02.

Quadro n. 02 – Pontos Negativos

Docente W	Acadêmico 1 N	Acadêmico 2 J	Acadêmico 3 E
“A experiência negativa não é nem comigo, é uma vivência né, o qual muitos professores do curso, do campus local não acreditavam, não davam crédito ao GEFOPI, achava que era uma questão sem importância.”	“Negativa até hoje eu não encontrei ainda, todas as minhas experiências, e todos os meus encontros com o GEFOPI, com o grupo, sempre foram positivas...”	“Negativa, eu acho que não existe num grupo desses, experiências negativas né, até mesmo as falhas que nós temos durante esses estudos, servem como experiências positivas, aprendizado.”	“Nenhuma”
Acadêmico 4 N	Acadêmico 5 MC	Acadêmico 6 C	Acadêmico 7 A
“Que eu me lembre agora só positiva, não consigo agora me lembrar de uma experiência negativa.”	“Não, todas experiências foram somando. Negativo não, não sei por que eu penso no negativo, eu penso sempre no positivo.”	“Não teve”	“Não lembro”

Fonte: As pesquisadoras

A docente respondeu que o grupo não era compreendido por muitos, às vezes por falta de informação e de um contato mais próximo. No início do grupo essa crítica veio pelo fato de muitos não acreditar na continuação e importância desse, porém se nota que os que se envolveram de fato não vêm pontos negativos, pois afirmam que até os erros servem de aprendizagem.

Ainda nessa entrevista propomos que os entrevistados relatassem os pontos positivos em relação ao grupo. Os participantes em sua maioria dizem que o GEFOPI foi um instrumento de aprendizagem e construção de conhecimento acadêmico. Nota-se que as viagens, os trabalhos apresentados e o relacionamento com outras pessoas e o trabalho com a teoria e prática, foram de grande importância para o crescimento tanto profissional, quanto pessoal. Em relação às demais perguntas que foram destinadas e esses participantes percebemos o quanto o grupo influenciou na aprendizagem desses participes, e como a confiança e participação deles foi essencial para a continuidade do GEFOPI, vemos que desde o inicio os

REALIZAÇÃO



participantes veteranos acreditavam na eficácia do grupo, tanto que muitos apesar das dificuldades como trabalho e transporte, se organizavam para poder participar das reuniões. A gratidão nas falas desses entrevistados é notória. Entre tantos comentários elegemos alguns como podemos observar no Quadro n. 03.

Quadro n. 03 – Pontos Positivos

Docente W	Acadêmico 1 N	Acadêmico 2 J	Acadêmico 3
“A experiência positiva é que nós enquanto participantes do GEFOP, que é um grupo de formação de professores contínuo, nós crescemos muito.”	“[...] todos os meus encontros com o GEFOP, com o grupo, sempre foram positivas, eu sempre conseguir absorver bastante assim, os conhecimentos mesmo, as reuniões, seja em reuniões, seja nos eventos, em tudo que o GEFOP contribuiu.”	“Agora as experiências positivas são inúmeras, desde a produção acadêmica, a melhoria no conhecimento, o estudo da teoria e a conciliação da mesma com a prática, então isso tudo são coisas positivas desse grupo.”	“Pra mim, a parte assim ne... A professora ela trazia uma fala tão tranquila referente aos conteúdos, que deixava a gente com uma liberdade de se expressar tão grande, que ela acabava, as vezes a gente tinha alguma interpretação diferenciada daquele texto ela sempre puxada para que a gente pudesse interpretasse de uma forma bem mais objetiva, sem deixando a liberdade de a gente escrever...”
Acadêmico 4 N	Acadêmico 5 MC	Acadêmico 6	Acadêmico 7
“Foram essas de enriquecer intelectualmente e de poder viajar, eu acho que o que mais marcou foi as viagens, porque com as viagens além de conhecer outras cidades, conhecer outras pessoas, a gente passa a conhecer outras culturas, isso que eu acho interessante, que a gente sai do nosso ambiente e começa a ter contato com outras pessoa, com trabalhos diferentes, isso é enriquecedor.”	“Uai o que eu gostei foi quando a gente apresentou nosso trabalho, porque nosso grupo reunia para estudo e também a gente reunia para expor aquilo que a gente aprendeu, slides né, apresentar um para o outro, então essa foi uma experiência muito boa.”	“O que mais me marcou enquanto eu participei do GEFOP, foi perceber que eu podia ir além daquilo que eu era, [...] então o GEFOP me marcou muito nesse sentido de ir além, superar, sair da minha zona de conforto e enfrentar novos desafios, superar esses desafios, então esse marco do GEFOP na vida foi muito importante, não foi apenas uma marca de embasamento teórico, de metodologia científica, não, foi realmente o marco de mudança de vida,	“Acredito que mesmo estando numa universidade, o que deu aquela distorção de sentido de produção de um trabalho de um colégio com uma universidade, foi com o grupo de estudo, amadureceu bastante a forma de escrever, de interpretar, então isso ai ajudou bastante a querer ficar lá...”

REALIZAÇÃO



		<p>existia uma Cristina antes e existiu uma Cristina depois. [...] Então o GEFOPI me marcou muito nesse sentido, nessa transformação, nessa mudança de paradigma, mudança de horizonte, de tudo."</p>	
--	--	---	--

Fonte: As pesquisadoras

Para a coordenadora do GEFOPI foi perguntado as seguintes questões. A primeira pergunta foi “Qual sua intenção inicial ao criar o grupo em SLMB?” A coordenadora respondeu “Criei o grupo a partir de reivindicações de alunos do curso de Pedagogia do Câmpus São Luis de Montes Belos, no tocante a leitura, interpretação e escrita de texto, dentro da disciplina de História e Educação. Começamos a estudar um dia da semana a tarde, com dois/três alunos. Os meses se passaram e outros alunos ingressaram e começamos a ampliar o grupo. Então, resolvi dar um nome ao grupo – GEPI – Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade. Mas, verifiquei que esse grupo era da professora Ivani Fazenda e então mudei para GEFOPI – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade. A cada ano o GEFOPI foi se modificando e caminhando para uma linha muito além do ensino. Começamos a realizar mais e mais pesquisas e atividade de extensão relacionadas uma a outra e virando monografia e publicando em eventos. E assim, o GEFOPI foi se constituindo.”.

A segunda pergunta foi “2- Teve alguma dificuldade para dar início ao grupo? Se sim, quais?” A coordenadora respondeu que “Não. As dificuldades foram aparecendo com o crescimento do grupo. Nos últimos anos as dificuldades estão grandes, como falta de financiamento para a realização das atividades, compra de materiais, viagens, transporte, internet e bolsas.”. A terceira pergunta foi “Você considera cumprida a intenção inicial de criação do grupo?” a resposta da coordenadora foi “Não só cumprimos com a intenção inicial como ampliamos. Hoje as atividades do GEFOPI atende ao princípio da indissociabilidade pesquisa, ensino e extensão e produção acadêmica, primando pela formação inicial dos participantes protagonistas, bem como a transformação social. Acredito que estamos dia a dia conquistando os objetivos do grupo”.

REALIZAÇÃO



A quarta pergunta foi “Como foi o envolvimento dos primeiros participantes do grupo?” A coordenadora respondeu que “Foi muito importante para que o grupo crescesse e se desenvolvesse. Se não tivesse a participação dos primeiros participantes talvez não seria o grupo que é hoje. Aliás, hoje o grupo tem conquistado espaço para além do Câmpus São Luis de Montes Belos e a participação em eventos não se restringe apenas a eventos da UEG, mas nacionais e até internacionais fora do Brasil.”. A quinta pergunta foi “Como você caracteriza o grupo hoje? “A coordenadora respondeu que “Como um programa de extensão que cumpre com as diretrizes do FORPROEX e prima pela concepção acadêmica de formação dos protagonistas envolvidos nas atividades processuais e orgânicas. Na minha visão o que realizamos no GEFOPPI é a grande representação da extensão que uma universidade deve ter. Só precisa ser reconhecida como tal e ter mais apoio institucional.”.

A sexta pergunta foi “Foi importante a contribuição dos veteranos de SLMB para a continuidade do grupo?” A coordenadora respondeu que “Foi não. É importantíssimo, pois temos até hoje acadêmicos no grupo que iniciaram a anos atrás. Alguns mais ativos outros com menos intensidade. Mas, tenho participante que está no grupo desde o começo. Isso é maravilhoso e fortalece o grupo. Principalmente quando colhemos os resultados, do tipo ver os participantes passar em concurso, ser aprovado no mestrado e crescer na profissão. Além do mais os veteranos já estão bem amadurecidos nas atividades e auxiliam os novatos”.

Dessa forma, vimos que a coordenadora conseguiu ir além da intenção inicial do grupo, e que hoje ele como um projeto de extensão, possibilita a formação com mais qualidade para os acadêmicos considerando o tripé da universidade, é uma extensão que de fato trabalha a práxis. O grupo enfrenta algumas dificuldades, porém não deixa de fazer um bom trabalho e colaborar para a formação inicial e continuada desses participantes envolvidos. Percebe-se que o grupo busca trabalhar em conjunto, um ajudando e contribuindo para o crescimento acadêmico do outro, fazendo com que o crescimento intelectual seja propício a todos. Atendendo os princípios do FORPROEX (2012) e a concepção de Reis (1996), o GEFOPPI tem desenvolvido suas atividades no intuito de favorecer a aprendizagem dos participantes protagonistas das ações.

REALIZAÇÃO



Considerações Finais

Em meios aos relatos analisados se pode concluir que o GEFOPPI foi e continua sendo agente de grande transformação na vida desses participantes, pois proporcionou aprendizagem de maneira crítica, tornando-as pessoas mais emancipadas e autônomas. O grupo muitas vezes supriu uma dificuldade que a própria instituição carecia, com uma extensão acadêmica, mostrando aos participantes a real noção dessa extensão, contribuindo para a aprendizagem de todos envolvidos e ainda agregando conhecimentos e teorias pouco estudas em sala de aula. Demonstrando que a extensão na concepção acadêmica favorece a aprendizagem e a transformação do partícipe protagonista.

Agradecimentos

Agradecemos a UEG pelo apoio a realização das ações do GEFOPPI e pela aprovação da pesquisa.

Referências

CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Temporânea: o Ensino Superior da Colônia à era Vargas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo.** 12.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FÁVERO, Maria de Lourdes. **A Universidade Brasileira em Busca de sua Identidade.** Petrópolis: Vozes, 1977.

FORPROEX. **Fórum Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras.** In: <http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/pro-reitorias/prorec/diretoria-deextenso/documentos-da-extenso-de-ambito-nacional/politica-nacional-de-extensaouniversitaria-forproex-2012/view>. 2012.

REIS, Renato Hilário dos. Histórico, Tipologias e Proposições sobre a Extensão Universitária no Brasil. **Cadernos UnB Extensão:** A universidade construindo saber e cidadania. Brasília, 1996. In:

<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/download/6094/5042>.

SÍVERES, Luiz. O Princípio Da Aprendizagem Na Extensão Universitária. In: SÍVERES, Luiz (Org.) **A extensão universitária como princípio de aprendizagem.** Brasília: Liber, 2013. In:
<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002320/232083por.pdf>

REALIZAÇÃO